

Ribeirão Corrente "Terra do melhor café"

O café de Ribeirão Corrente sempre foi conhecido no porto de Santos por sua qualidade, resultante da combinação de clima, altitude e índice pluviométrico. Um orgulho que o atual prefeito, Ailton Montainheir, produtor de café, não deixou para trás. O prefeito, que está em sua primeira gestão, criou o slogan: Ribeirão Corrente "Terra do melhor café". Mandou imprimir selos e por onde vai leva um pouco do orgulho da cidade. Não sai para nenhuma reunião sem levar pelo menos um pacote de café torrado e moído artesanalmente. Nos ônibus da administração municipal, que transportam principalmente estudantes, a logomarca e o slogan criados pelo prefeito estão estampadas com grande destaque.

A prefeitura incentiva que os produtores façam o mesmo, agregando valor ao café e à cidade deles. Ribeirão Corrente vive da agricultura. Com 4.018 moradores, sem nenhuma indústria e um comércio modesto, obtém cerca de 90% do seu orçamento no Fundo de Participação dos Municípios e no ICM, Imposto sobre Circulação de Mercadorias. A mercadoria da cidade é a matéria prima que vem do campo: café, algodão, cana, milho, soja, arroz e alguns outros produtos em menor escala.

A administração local se orgulha por Ribeirão Corrente estar entre as poucas cidades onde a população rural cresce. Passou de 21% para 23% no último censo, o que tem fomentado o emprego e a produção nas pequenas propriedades. Aliás, o campo é o grande empregador. Cerca de 200 moradores da cidade trabalham em Franca. O restante da população economicamente ativa, quase metade do total de moradores, trabalha em ati-



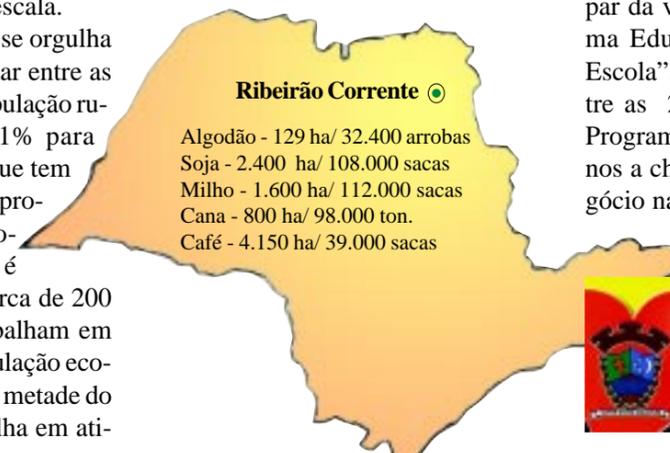
Alunos da rede municipal: acesso ao mundo digital

vidades agrícolas nas propriedades locais, a maioria pequenas e médias.

Com um orçamento crescente, mas com despesas que não param de aumentar, a cidade investe boa parcela de seus recursos em educação, como forma de garantir um futuro melhor para seus moradores. Com a municipalização do ensino, crianças desde a creche até a 8ª série, estão sob responsabilidade direta da prefeitura. A intenção de ter um ensino de qualidade fez com que a cidade optasse por um projeto de uma rede educacional privada de Ribeirão Preto. A prefeitura continua oferecendo a escola e os professores, e agora também o material didático. Todo apostilado e com conteúdo diferenciado o material é fornecido gratuitamente a todos os alunos do ensino fundamental (1ª a 8ª série). O custo/benefício

está sendo sentido pelo interesse dos alunos com as mudanças. Até as quadras esportivas ficaram mais vazias. Os alunos agora estudam mais, seja na classe, nas aulas de reforço, ou no centro de informática onde estão disponíveis 20 computadores. Para os professores o material didático trouxe novos desafios que são vencidos nas atualizações periódicas feitas pelo convênio.

O básico a cidade tem: água encanada para toda a população, além de esgoto tratado, aterro sanitário, Unidade Básica de Saúde, creche, atendimento aos idosos... mas o que falta é diversão. A praça é o ponto de encontro, e desde o início do ano poderia ser cenário de filme. Uma vez por mês os moradores se reúnem para o cinema ao ar livre. Eles ainda não viram Cinema Paradiso, mas com certeza se sentiriam do outro lado da tela. Já assistiram, entre outros: O Auto da Compadecida e se preparam para as aventuras do Homem Aranha. A população, que tem poucas oportunidades de conhecer outras realidades, espera ansiosa pelo dia do cinema. Assim como os 80 alunos das 3 classes de primeira série do ensino médio, esperam pelo dia de participar da visita oferecida pelo Programa Educacional "Agronegócio na Escola". Ribeirão Corrente está entre as 20 cidades participantes do Programa, que oferece para os alunos a chance de conhecer o agronegócio na região e descobrir as oportunidades que ele oferece.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares



Plástico de açúcar: 100% brasileiro e reciclável

O presidente da Câmara, deputado João Paulo Cunha, aproveitou a visita que fez à cidade de Serrana, para conhecer um pouco melhor a matéria prima que é a base da economia da região de Ribeirão Preto, a cana-de-açúcar. Na Usina da Pedra, uma das mais antigas da região, o deputado foi apresentado às mais modernas tecnologias do setor sucroalcooleiro.

Em pleno século 21 não é mais possível falar em cana-de-açúcar e ser remetido apenas aos seus mais conhecidos produtos: o açúcar e o álcool. A realidade do setor inclui desde o diamante feito a partir do álcool (usado pela NASA para perfurar o solo de Marte), passando pela co-geração de energia, o biocombustível, a levedura, as commodities ambientais... chegando ao plástico biodegradável, feito a partir do açúcar.

A pesquisa para a produção industrial do PHB (polihidroxibutirato), o plástico proveniente do açúcar, começou a ser desenvolvida em 1992, como resultado de uma parceria entre a Copersucar e o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). Em 1994, uma planta piloto foi construída na Usina da Pedra. O desafio

agora é viabilizar a planta industrial e iniciar a comercialização em 2 anos. A marca Biocycle, é de propriedade da PHB industrial S.A., que é controlada pelas empresas Irmãos Biagi S.A.- Açúcar e Álcool (Usina da Pedra, Usina Buriti e Usina Ibirá), Usina São Francisco e Usina Santo Antônio, grupos com mais de 70 anos de tradição no setor sucroalcooleiro. A empresa pretende colocar no mercado 5 mil toneladas/ano do único plástico biodegradável do mundo feito a partir de matéria prima 100% renovável.

O nome Biocycle, que significa ciclo da vida, não foi escolhido ao acaso. Como é possível ver na figura acima, todo o processo começa no campo, onde a fotossíntese da cana-de-açúcar sintetiza a sacarose a partir da transformação do gás carbônico, disponível na atmosfera, dos nutrientes e da água do solo, e da luz solar. Na industrialização, a cana é esma-



gada e o caldo é separado da fibra. A fibra é usada como combustível para as caldeiras. O caldo, rico em sacarose, é transformado em açúcar e usado para alimentar a bactéria que produz o biopolímero, em vários processos de fermentação. Quando volta para a natureza, o plástico de açúcar se transforma novamente em gás carbônico e água. A utilização do Biocycle é ampla. Vai desde a fabricação dos produtos descartáveis mais comuns até o uso medicinal, como enxertos ósseos, por exemplo. O plástico feito a partir do açúcar, quando descartado e em contato com ambientes biologicamente ativos, desaparece em poucos meses, ao contrário do plástico de origem petrolífera que pode permanecer na natureza por mais de 200 anos. Cada três quilos de açúcar produz um de PHB.

Editorial Negociações Internacionais: a Missão

Os países em desenvolvimento não conseguiram avanços na batalha pela redução dos subsídios e do protecionismo agrícola praticado pelos países ricos, na 5ª Conferência Ministerial da OMC, em Cancun. Mas não foram as disciplinas para a agricultura que emperraram o progresso das discussões, e sim a falta de consenso sobre os temas: investimentos, compras governamentais, políticas de concorrência e facilitação de comércio, propostos em 1996, na 1ª Ministerial.

Os chamados "Temas de Cingapura" acabaram por obstruir a agenda, e as questões agrícolas não chegaram a ser discutidas. Com a postergação, o horizonte esperado para os acordos brasileiros de âmbito regional ou bilateral é, no mínimo, turbulento. Estados Unidos e União Européia já deixaram clara a intenção de tratar o tema "subsídios" apenas na OMC. O receio em fazer concessões se deve à incerteza da contrapartida, ou seja, que os outros países protecionistas do mundo não se mostrem dispostos às mesmas concessões nesta questão, considerada sistêmica.

Mas o Brasil certamente saiu do território mexicano mais fortalecido no cenário econômico mundial. Ao organizar e comandar o coeso G22, o País falou alto e incomodou os poderosos, e muito. O excelente trabalho da diplomacia brasileira merece reconhecimento.

Findo este capítulo, e não a novela, o Brasil deverá estar preparado para o contra-ataque. As pressões serão de todos os tipos e virão de todos os lados. Guerra é guerra. O importante é que esta grande aliança seja não apenas mantida, mas ampliada. Os acordos bilaterais são válidos, mas o acesso ao mercado das grandes potências, em um acordo multilateral, será imprescindível para gerar e distribuir riquezas, na medida em que o incremento da demanda implicará na necessidade de maiores investimentos no aumento da produção. Levará ao desenvolvimento econômico e à geração de empregos.

Mônica Bergamaschi

Aqüífero Guarani: riqueza subterrânea

Um milhão e 200 mil km², 40 mil km³/ano de volume de água aproveitável, presente em 8 estados brasileiros e quatro países. O Aqüífero Guarani é a maior reserva de água subterrânea do planeta, e nos próximos quatro anos será “radiografado”, sob diversos aspectos, para garantir sua preservação e gestão.

Durante três dias Ribeirão Preto sediou o Seminário Aqüífero Guarani, dando início a um trabalho que deve se estender até 2007. Quatro projetos pilotos servirão para construir uma rede de informações que será usada para avaliar e propor técnicas de delimitação de perímetros de proteção de poços e cálculos da taxa de recarga do aqüífero. Desta forma, serão definidas diretrizes para o controle ambiental e a restrição do uso do solo em algumas áreas. Serão construídas ferramentas que permitam o uso equilibrado de seus recursos, implementando ações imediatas.

O Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Aqüífero Guarani é uma iniciativa conjunta dos quatro países onde se faz presente: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, com o apoio do Fundo para o Meio Ambiente Mundial - GEF, Banco Mundial e Organização dos Estados Americanos - OEA. O projeto está orçado US\$ 26,7 milhões, cabendo US\$ 13,4 milhões para o GEF, US\$ 12,1 milhões para os países envolvidos e US\$ 1,2 milhão para a OEA, que fará o gerenciamento técnico e administrativo de todo o trabalho. O Banco Mundial ficará com a incumbência de implementar o uso dos recursos do Fundo.

Distribuição da área do Aqüífero Guarani

Argentina 19% (355.000 km²)
Brasil 71% (840.000 km²)
Uruguai 4% (58.500 km²)
Paraguai 6% (58.500 km²)

Total: 1 milhão e 200 mil km² – área equivalente à da Inglaterra, França e Espanha juntas.



Para o chefe da Unidade de Desenvolvimento Sustentável e do Meio Ambiente da OEA, Jorge Rucks, o aqüífero será, com certeza, um importante re-



curso de desenvolvimento para os quatro países onde está presente, podendo ser compartilhado para garantir o hoje e o amanhã. Opinião compartilhada pelo Secretário Nacional de Recursos Hídricos, João Bosco Senra, que complementa: “a água não divide cidades, estados ou países, pelo contrário, une”.

Dos quatro projetos piloto: Rivera – Santana do Livramento (fronteira Brasil/Uruguai); Concordia Salto (Argentina); Caagazú, Encarnación e Ciudad Del Este (Paraguai) e Ribeirão Preto (Brasil); apenas o este último está fora da região de fronteira, e foi escolhido em sinal de reconhecimento às muitas informações e estudos a respeito do aqüífero desenvolvidas na região.

A cidade de Ribeirão Preto, com seus 656 km², está localizada sobre o Aqüífero Guarani, tanto que 100% da



sua população é abastecida com água subterrânea. Esta história começou em 1903, de maneira privada. Cinquenta anos depois, a prefeitura encampou o serviço e perfurou durante todos estes anos 193 poços, sendo que 97 estão em funcionamento. Os poços que tem vida útil entre 15 e 20 anos, funcionam entre 10 e 20 horas por dia.

Nos anos 70, especialmente no Estado de São Paulo, o aqüífero começou a ser explorado com mais intensidade. Cerca de 2.000 poços foram perfurados na região de Ribeirão Preto, onde a profundidade do aqüífero fica entre 100 a 300 metros. Outras centenas de poços, em áreas diversas, exploram águas mais profundas, de 500 a 1.500 metros, uma exploração feita de maneira desordenada, comprometendo o futuro do “reservatório subterrâneo”.

Na região, a atenção e os estudos sobre o aqüífero começaram nos anos 60, com uma tese de mestrado que buscou dimensionar a exploração do aqüífero na área rural e urbana e sua recarga. Hoje, o diretor do DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica), engenheiro Celso Antonio Peticarrari, afirma que a região, apresenta problemas decorrentes da ocupação urbana, principalmente na área exposta do aqüífero, onde acontece o afloramento e a maior parte da recarga. O grande problema, segundo Peticarrari, é a possibilidade de contaminação e o desperdício. O consumo médio na cidade de Ri-

beirão Preto é de 348 l/habitante/dia, enquanto a referência média é de 200 l/habitante/dia.

O Seminário “Aqüífero Guarani” surpreendeu os organizadores pelo interesse que despertou, tanto da comunidade acadêmica quanto da sociedade civil. Foram três dias de muito trabalho. Ao final, o “Projeto Piloto Ribeirão Preto” foi delineado com propostas de início imediato. Foi formado um Grupo Coordenador que vai acompanhar todo o desenvolvimento do Projeto, que será acolhido pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo. O grupo será formado por 16 entidades: 4 representando o Estado (DAEE, CETESB, Secretaria do Meio Ambiente e SCTDE), 4 representando os municípios, 6 a Sociedade Civil e 2 as universidades. A escolha acontece no dia 31 de outubro, durante a reunião do Comitê do Pardo.

As propostas de trabalho englobam o que as entidades avaliaram como mais importante a ser estudado na região de

Ribeirão Preto, e têm 3 etapas distintas que serão cumpridas nos próximos 48 meses:

1- Recompilação da informação disponível e configuração da base de dados, ao mesmo tempo deverá ser elaborado e implementado o plano de ações estratégicas e de gerenciamento do aqüífero. Esta etapa deve durar 6 meses.

2- Nos 36 meses seguintes a proposta é que seja feito um levantamento de informações complementares e monitoramento sistêmico do aqüífero durante o projeto. Será elaborado um modelo hidrogeológico para simular o fluxo e o transporte de contaminantes, que permitirá determinar as áreas mais vulneráveis e iniciar um trabalho de conscientização da população.

3- Na última etapa, que durará 6 meses, a proposta é que além das ações implementadas, o relatório final contenha a proposta de continuação do trabalho iniciado no projeto.

Estas propostas serão encaminhadas para que as instituições internacionais, responsáveis pela execução do Projeto, façam uma concorrência pública internacional para que o trabalho seja iniciado ainda neste ano.

O Projeto Aqüífero Guarani é um exemplo de desenvolvimento sustentável. Antes do aparecimento dos problemas, a sociedade se uniu para garantir às futuras gerações quantidade e qualidade de água. Assegurando o direito à vida.

* Ilustrações cedidas pelo DAEE, sob licença de Heraldo Cavalheiro Navajas Sampaio Campos

